

# PERFIL VOCAL DE LOCUTORES DE RÁDIO

Carla Aparecida Cielo<sup>1</sup>  
Gisele Bazo<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Fonoaudióloga (UFSM/RS), Aperfeiçoada em Voz (CEFAC), Especialista em Fonoaudiologia (UFSM/EPM), Especialista em Linguagem (CFFa), Mestre e Doutora em Linguística Aplicada (PUC/RS), Professor Adjunto do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Maria/RS (Graduação e Pós-Graduação)

<sup>2</sup>Fonoaudióloga (IPA/RS), Especialista em Reabilitação em Fonoaudiologia - Ênfase em Voz (IPA/RS)

CIELO, Carla Aparecida e BAZO, Gisele. Perfil vocal de locutores de rádio. *Salusvita*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 167-181, 2008.

## RESUMO

Objetivo: traçar o perfil vocal de locutores de rádio de uma grande cidade. Materiais e Métodos: 12 radialistas do sexo masculino de emissoras AM e FM responderam a questionário sobre comportamento e conhecimento vocais. Esses dados foram analisados estatisticamente. Resultados: houve significância estatística em favor da busca por fonoterapia, do consumo de água, e da importância dada ao acompanhamento vocal. Conclusão: O perfil do locutor, atualmente, é de um profissional extrovertido, falante em excesso (durante e fora do período de trabalho) e cujas características vocais mais evidentes são a intensidade elevada e tons mais graves, sem compromisso com padrões vocais pré-estabelecidos, e não conscientes das conseqüências que os maus tratos à voz podem causar à longo prazo, prejudicando ou impedindo a realização da sua atividade profissional.

**Palavras-chave:** Voz. Qualidade da voz. Treinamento da voz. Distúrbios da voz. Rádio. Usuários profissionais da voz.

## ABSTRACT

*The objective of this study was to investigate the vocal profile of radio's speakers from a big city. Twelve male AM and FM radio speakers participated. They had answered to a questionnaire on*

Recebido em: 23/01/2007  
Aceito em: 25/11/2007

*vocal behavior and vocal knowledge. The results showed that most professionals look for speech therapy, for water consumption, and for vocal accompaniment. Their profile is of an extrovert behavior, speaks for a long time, not only while working but also out of work. Their vocal characteristics include high intensity voice and use of low tones. They seems not to be committed to vocal standards and are not aware of the consequences that misuse of the voice can cause in the long term, harming its professional activity.*

**Key-words:** *Voice. Voice quality. Voice training. Voice disorders. Radio. Professional voice users.*

## INTRODUÇÃO

A voz tem grande importância no processo da comunicação humana. Através dela, são transmitidas mensagens de um indivíduo a outro, carregando informações não apenas verbais, mas psicológicas, emocionais, expressando aspectos da personalidade do indivíduo que a produz (BEHLAU e PONTES, 1995; BEHLAU, 2001; PINHO, 2003).

É importante observar que, para realizar uma correta produção vocal, é necessário que exista integridade anatomofisiológica do aparelho fonador, bem como um comportamento vocal sem ocorrência de mau uso e/ou abuso vocal, evitando, assim, o surgimento de patologias que prejudiquem a produção da voz (BEHLAU e PONTES, 1995; BEHLAU, 2001; PINHO, 2003).

Com base nesta afirmação, torna-se relevante para os terapeutas da voz conhecer o perfil vocal de um profissional que utiliza a voz como sua principal “ferramenta” de trabalho: o locutor de rádio. É importante avaliar seu comportamento vocal para que os fonoaudiólogos possam atuar na prevenção de patologias decorrentes do uso da voz nesse campo de trabalho e orientar quanto às possibilidades de uma produção vocal adequada, visando a alcançar os objetivos a serem atingidos por meio da locução (RAMOS, 1998; GUIMARÃES, 2004; KYRILLOS, 2004; TIMMERMANS et al., 2005; BORREGO, 2005).

As informações obtidas sobre esses indivíduos, que têm uma grande demanda vocal também fora da emissora onde atuam, podem acrescentar conhecimentos mais específicos ao profissional fonoaudiólogo e contribuir para um atendimento especializado, ampliando sua área de atuação ou trazendo dados novos aos estudos já realizados, buscando aprofundá-los com vistas a um trabalho fonoaudioló-

CIELO, Carla Aparecida e BAZO, Gisele. Perfil vocal de locutores de rádio. *Salusvita*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 167-181, 2008.

CIELO, Carla  
Aparecida e  
BAZO, Gisele.  
Perfil vocal de  
locutores de  
rádio. *Salusvita*,  
Bauru, v. 27, n. 2,  
p. 167-181, 2008.

gico mais direcionado e efetivo (RAMOS, 1998; KYRILLOS, 2004; BORREGO, 2005).

Além disso, o rádio é um meio de comunicação que atinge um grande número de pessoas e as informações precisam ser transmitidas de forma clara, precisa e agradável também para o ouvinte. É importante que haja “colorido” na transmissão da informação e que a voz a ser percebida pelo ouvinte tenha os componentes que se deseja transmitir (BALSEBRE, 1994; RAMOS, 1998).

Muitos locutores buscam aprimorar não só a beleza e a clareza de sua voz, mas também a articulação, a entonação, e o conteúdo da informação a ser transmitida. Porém, muitas vezes, desconhecem as técnicas para aprimorar a resistência vocal, por exemplo, fator primordial para quem utiliza a voz por um período de tempo prolongado. Todos esses fatores, e muitos outros ligados à produção vocal, são da competência do profissional fonoaudiólogo e devem ter seu estudo aprimorado.

A Fonoaudiologia atual busca tratar o indivíduo como um todo, considerando, para isso, os aspectos sociais, psicológicos, e ambientais em que ele está inserido e não apenas as patologias que possa apresentar. O locutor, como profissional da voz que é, faz parte de um mundo com características diferenciadas, no qual os fatores ambientais e comportamentais parecem propiciar o surgimento de patologias e/ou inaptações vocais específicas de seu campo de atuação (GUIMARÃES, 2004).

Assim, este é um espaço importante a ser estudado e dominado pelo fonoaudiólogo com vistas à prevenção, orientação, consultoria, e tratamento, evitando que comportamentos vocais inadequados provoquem o surgimento de patologias que prejudiquem ou incapacitem o locutor de rádio ao exercício de sua profissão (KYRILLOS, 2004). Um estudo mais específico tornará o fonoaudiólogo mais familiarizado e capaz para organizar um programa terapêutico direcionado às necessidades desses profissionais.

Com base nestas afirmações, o objetivo do presente trabalho foi o de traçar o perfil vocal de 12 locutores de rádio de uma grande cidade.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de origem, sob o protocolo de número 579, foi selecionada a amostra para a implementação da pesquisa, tendo como único critério o fato de atuarem como locutores em rádios AM ou FM, não havendo exigência quanto à idade e sexo, constituindo-se um processo de amostragem de conveniência.

Os participantes receberam e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a coleta dos dados, foi utilizado um protocolo de entrevista baseado na literatura (OLIVEIRA, 1987; OLIVEIRA, 1995; ORTIZ e MARCHAMALO, 1996; LOPES, 1997; BEHLAU, 2001; NAVARRO e BEHLAU, 2001; VALLE, 2002; KYRILLOS, 2004; TIMMERMANS et al., 2004; TIMMERMANS et al., 2005; BORREGO, 2005), contendo 23 perguntas sobre questões relacionadas ao comportamento e conhecimento vocal apresentado pelos locutores de rádio (Anexo 1). Foram realizadas entrevistas, sendo seis com profissionais de rádio AM e seis com profissionais de rádio FM, totalizando um número de 12 locutores entrevistados. As informações foram registradas em fita cassete para posterior transcrição dos dados e depois foram apagadas.

Após a entrevista, foram dadas orientações aos participantes quanto ao uso correto da voz e esclarecimentos sobre a atuação do fonoaudiólogo.

Por fim, foi realizada a tabulação das respostas ao questionário, incluindo a análise estatística, utilizando-se o teste de diferença de proporções com nível de significância de 5%. Desta forma, buscou-se definir os resultados relevantes obtidos neste estudo para que fosse construído um perfil vocal mais completo dos participantes da pesquisa.

Para que a construção deste perfil pudesse mostrar mais adequadamente as características da amostra de locutores de rádio estudada, foram discutidos não apenas os resultados que apresentaram significância estatística, mas também os resultados que mostraram altos percentuais, configurando-se uma análise quali-quantitativa dos mesmos.

## RESULTADOS

Através da análise das respostas às perguntas feitas aos locutores de rádio e da análise estatística dos dados, foram encontrados os seguintes resultados:

Ao serem indagados sobre quais conhecimentos possuíam em relação à atuação dos profissionais de Fonoaudiologia, 66,7% relataram saber que esses profissionais trabalham com as áreas de voz, linguagem ou motricidade oral, e 33,33% não tinham conhecimento sobre o trabalho realizado pelos fonoaudiólogos. Na análise estatística dos dados, não houve diferença significativa entre os grupos ( $z=1,11$ ;  $e=0,28$ ).

CIELO, Carla  
Aparecida e  
BAZO, Gisele.  
Perfil vocal de  
locutores de  
rádio. *Salusvita*,  
Bauru, v. 27, n. 2,  
p. 167-181, 2008.

CIELO, Carla  
Aparecida e  
BAZO, Gisele.  
Perfil vocal de  
locutores de  
rádio. *Salusvita*,  
Bauru, v. 27, n. 2,  
p. 167-181, 2008.

O profissional mais procurado para o tratamento de problemas vocais foi o otorrinolaringologista, indicado em 50% das respostas, seguido do clínico geral, com 33,4%, e do fonoaudiólogo, com 8,3% das indicações, existindo, ainda, uma parcela de 8,3% que nunca procurou tratamento. Na análise estatística, não houve significância em qualquer das categorias.

Análise estatística dos profissionais procurados: otorrinolaringologista x clínico geral ( $z=0,53$ ;  $e=0,30$ ) foi não significativa; otorrinolaringologista x fonoaudiólogo ( $z=0,86$ ;  $e=0,24$ ) foi não significativa; otorrinolaringologista x nunca procurou tratamento ( $z=0,86$ ;  $e=0,34$ ) foi não significativa; clínico geral x fonoaudiólogo ( $z=0,55$ ;  $e=0,35$ ) foi não significativa; clínico geral x nunca procurou tratamento ( $z=0,55$ ;  $e=0,35$ ) foi não significativa; fonoaudiólogo x nunca procurou tratamento ( $z=0$ ;  $e=0,37$ ) foi não significativa.

Dos 12 locutores em questão, apenas 16,7% realizaram algum tipo de tratamento vocal e um número elevado desses profissionais (83,3%) nunca realizou tratamento vocal. Dos 16,7% que realizaram o tratamento, 100% recorreram à fonoterapia. Na análise estatística dos dados, não houve significância entre o número de profissionais que realizaram tratamento vocal x não realizaram tratamento vocal ( $z=1,75$ ;  $e=0,28$ ). Porém, a relação com fonoterapia x sem fonoterapia ( $z=2,85$ ;  $e=0,69$ ) foi significativa em favor do tratamento fonoterapêutico.

Além disso, ao apresentarem algum sintoma vocal, para melhorar a qualidade da voz, parte dos locutores relatou ingerir líquidos (25%), falar menos ou mais fraco (33%), e buscar tratamentos paliativos (50%). Outros relataram não utilizar nenhum recurso (25%), apenas esperavam o sintoma desaparecer. É importante salientar que essas porcentagens são relativas às pessoas que utilizavam determinado recurso para melhorar sua voz, porém, algumas delas utilizavam mais de um dos recursos citados anteriormente, por isso a soma de todas as porcentagens relatadas resultou num valor total maior do que 100%.

Os locutores, em sua maioria (83,4%), achavam importante receber acompanhamento e orientação vocais, 8,3% não achavam importante, e 8,3% não sabiam se a orientação era importante por desconhecer como ela era feita.

Apesar de não evidenciarem conhecimento sobre o trabalho fonoaudiológico realizado com profissionais da voz, uma parcela importante dos entrevistados (83,4%) não apenas considerava importante o acompanhamento e a orientação no trato com a voz, como gostaria de ter acesso a esses recursos com maior facilidade, se possível no próprio local de trabalho.

Na análise estatística, não houve significância em qualquer das categorias: orientação vocal é importante x não é importante ( $z=1,46$ ;  $e=0,29$ ); orientação vocal é importante x não sabe ( $z=1,46$ ;  $e=0,29$ ); não é importante x não sabe ( $z=0$ ;  $e=0,35$ ).

Quanto à idéia que os locutores faziam de seu padrão vocal, 58,3% achavam que sua voz era boa, 25,0% consideravam a própria voz ruim, e 16,7% não sabiam definir.

Na análise estatística, não houve significância em qualquer das categorias: boa x ruim ( $z=0,98$ ;  $e=0,3$ ); boa x não sabe definir ( $z=1,07$ ;  $e=0,32$ ); ruim x não sabe definir ( $z=1,24$ ;  $e=0,35$ ).

Entre os pesquisados, 66,7% gostariam de modificar seu padrão vocal, buscando melhorar a locução, e 33,3% estavam satisfeitos com sua voz e não desejavam modificá-la. A análise estatística entre modificar o padrão vocal x não modificar ( $z=1,11$ ;  $e=0,28$ ) não mostrou significância.

Com relação às emissoras de rádio, 91,7% dos profissionais relataram não receber qualquer tipo de exigência quanto ao tipo de voz utilizada durante a locução, e apenas 8,3% foram cobrados nesse sentido, embora a análise estatística não tenha mostrado significância ( $z=1,61$ ;  $e=0,28$ ).

Enquanto 66,7% dos locutores relataram já ter apresentado algum sintoma vocal (rouquidão, perda da voz, fadiga, etc.) ou patologia laríngea, os outros 33,3% mencionaram nunca ter apresentado problemas, não havendo significância estatística ( $z=1,11$ ;  $e=0,28$ ).

Esses sintomas (rouquidão, perda da voz, fadiga, dor, entre outros) afetaram a vida profissional de 41,7% dos locutores e não chegaram a afetar o desempenho em 58,3% dos casos. Dos que foram prejudicados profissionalmente, 80% apresentaram voz ruim dificultando a locução, e 20% tiveram que faltar ao trabalho. Não houve significância estatística entre desempenho profissional afetado x desempenho profissional não afetado ( $z=1,57$ ;  $e=0,28$ ) e entre voz ruim x faltas ao trabalho ( $z=1,07$ ;  $e=0,44$ ).

O número de horas diárias de trabalho nas emissoras variava para cada profissional: de 1 hora até 12 horas por dia.

Quando estavam fora do ambiente de trabalho no rádio, a metade dos locutores entrevistados (50,0%) continuava utilizando muito a voz, falando muito, e os outros 50% consideraram que falavam pouco fora do trabalho, não havendo significância estatística ( $z=0$ ;  $e=0,28$ ). Apenas 33,3% faziam repouso vocal e 66,7% não o realizavam, não havendo significância estatística ( $z=1,07$ ;  $e=0,28$ ).

Quanto à realização de algum tipo de trabalho respiratório, relaxamento, técnica vocal ou outro, apenas 25% dos locutores já haviam praticado, enquanto 75% dos pesquisados nunca experi-

CIELO, Carla Aparecida e BAZO, Gisele. Perfil vocal de locutores de rádio. *Salusvita*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 167-181, 2008.



CIELO, Carla  
Aparecida e  
BAZO, Gisele.  
Perfil vocal de  
locutores de  
rádio. *Salusvita*,  
Bauru, v. 27, n. 2,  
p. 167-181, 2008.

mentaram qualquer técnica, não havendo significância estatística ( $z=1,51$ ;  $e=0,28$ ).

Entre os maus hábitos vocais praticados pelos locutores, estavam o uso de fumo, álcool, drogas, bebidas geladas, café, e exposição ao ar condicionado.

Quanto à alimentação, 91,7% dos entrevistados não apresentavam restrições na dieta, nem por motivos de saúde, nem em relação a benefícios ou prejuízos vocais que certos alimentos pudessem oferecer, e apenas 8,3% tinham algum tipo de restrição alimentar, não havendo significância estatística ( $z=1,61$ ;  $e=0,28$ ).

O consumo de água foi um hábito freqüente entre os locutores de rádio, presente na rotina de 100% dos indivíduos, sendo um dado significativo estatisticamente ( $z=7,14$ ;  $e=0,28$ ).

A intensidade da voz não foi considerada adequada pelos locutores em 50% dos casos, nos quais apresentava-se elevada; em 33,3% foi citada como de intensidade “natural” (habitual), e, em 16,7%, variava de acordo com o tipo de trabalho a ser realizado pelo locutor. Na análise estatística, não houve significância em qualquer das categorias: intensidade aumentada x natural ( $z=0,53$ ;  $e=0,30$ ); aumentada x variável ( $z=0,89$ ;  $e=0,32$ ); natural x variável ( $z=0,46$ ;  $e=0,38$ ).

A velocidade da fala que os sujeitos apresentavam durante a locução foi considerada rápida por 16,7% dos locutores, e normal por 83,3%, não havendo significância estatística ( $z=1,72$ ;  $e=0,28$ ).

A imitação de vozes era praticada por 25% desses profissionais, e 75% não costumavam realizar nenhum tipo de imitação. A imitação e outras “brincadeiras” com a voz não eram comuns entre os locutores entrevistados, embora não tenha havido significância estatística ( $z=1,51$ ;  $e=0,28$ ).

Conforme os relatos dos profissionais, a maioria (66,6%) se tornou locutor de rádio através de uma oportunidade de trabalho em alguma emissora, 16,7% através de estágio, e 16,7% por meio de uma escola ou faculdade. Na análise estatística, não houve significância em qualquer das categorias: estágio x oportunidade ( $z=1,28$ ;  $e=0,30$ ); estágio x faculdade ( $z=0$ ;  $e=0,37$ ); oportunidade x faculdade ( $z=1,28$ ;  $e=0,30$ ).

O nível de instrução apresentado foi de terceiro grau completo por 58,3% dos indivíduos, segundo grau completo por 25%, e terceiro grau incompleto por 16,7%, não havendo significância estatística entre as categorias: terceiro grau completo x terceiro grau incompleto ( $z=1,06$ ;  $e=0,32$ ); segundo grau completo x terceiro grau completo ( $z=1$ ;  $e=0,30$ ); segundo grau completo x terceiro grau incompleto ( $z=0,24$ ;  $e=0,36$ ).

Quanto à construção do padrão vocal atual de cada um dos locutores pesquisados, 66,7% consideravam sua voz produzida de forma

natural, e 33,3% espelharam-se em outros locutores que admiravam, não havendo significância estatística ( $z=1,07$ ;  $e=0,28$ ).

A orientação e o acompanhamento vocal não somente para locutores, mas para qualquer profissional da voz foi considerada importante por 100% dos participantes da pesquisa, e significativa estatisticamente ( $z=7,14$ ;  $e=0,28$ ).

## DISCUSSÃO

Pôde-se observar que a maioria percentual dos locutores apresentava alguns conhecimentos sobre a Fonoaudiologia, porém, não sabiam exatamente qual era a função do fonoaudiólogo.

O papel da fonoaudiologia abrange vários tipos de intervenção; no meio profissional em questão, proporcionando ao locutor a tranqüilidade e a segurança necessárias, além de um controle adequado ao lidar com a própria voz através do esclarecimento da fisiologia do trato vocal e dos fatores envolvidos na produção e uso profissional de seus recursos vocais, prevenindo ou tratando os problemas que possam ocorrer durante esse processo (GUIMARÃES, 2004; KYRILLOS, 2004; TIMMERMANS et al., 2005; BORREGO, 2005).

“O fonoaudiólogo pode contribuir para tornarem-se os falantes mais conhecedores, conscientes e cuidadosos com a própria postura, pronúncia, respiração, voz, modo de organizar e expressar o pensamento”, palavras de Valle (2002) que convergem com o pensamento de Ramos (1998), Guimarães (2004), Kyrillos (2004), e Borrego (2005). Portanto, em síntese, a fonoaudiologia trabalha não somente a voz do locutor, mas a linguagem oral como um todo (KYRILLOS, 2004; BORREGO, 2005).

Observou-se desinformação dos profissionais de rádio em geral, quanto ao tratamento de problemas vocais, mas a pequena parcela desses profissionais que realmente buscou tratamento vocal optou por fonoterapia na sua totalidade, o que indica que existe interesse pelo tratamento fonoaudiológico. É preciso levar esse dado em consideração, buscando-se divulgar cada vez mais a fonoterapia entre os profissionais da voz e elevar esse índice (GUIMARÃES, 2004; KYRILLOS, 2004; TIMMERMANS et al., 2005).

É importante observar que o profissional de Fonoaudiologia foi citado por 8,3% dos indivíduos e que, se fosse somado o grupo que procura os médicos na área de otorrinolaringologia e clínica geral, obter-se-ia 83,4% do total de indivíduos. Ou seja, a procura por um médico ocorre primeiro e é muito mais freqüente do que por um fonoaudiólogo. Muitas vezes, essas pessoas nem chegam a ser encami-

CIELO, Carla Aparecida e BAZO, Gisele. Perfil vocal de locutores de rádio. *Salusvita*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 167-181, 2008.



CIELO, Carla  
Aparecida e  
BAZO, Gisele.  
Perfil vocal de  
locutores de  
rádio. *Salusvita*,  
Bauru, v. 27, n. 2,  
p. 167-181, 2008.

nhadas para tratamento fonoaudiológico ou simplesmente não buscam esse tipo de tratamento após conseguirem o alívio dos sintomas com o tratamento indicado pelo médico. A consequência disso é que a causa do problema permanece, pois geralmente as mudanças de comportamento vocal não são trabalhadas pelos médicos e, portanto, a chance de recidiva do problema é grande (GUIMARÃES, 2004).

Salienta-se o papel do fonoaudiólogo como profissional habilitado a lidar com as questões anatomofisiológicas de voz e a esclarecer os locutores sobre a produção vocal para profissionais da voz, cuja demanda vocal é bem maior, pois a permanência de comportamentos de mau uso e abuso vocal pode ser a causa de muitas alterações de voz (SOUZA, 2000; GUIMARÃES, 2004; KYRILLOS, 2004; TIMMERMANS et al., 2005; BORREGO, 2005).

Mais da metade dos locutores em questão (66,7%) não estava satisfeita com a própria voz, apesar de outras pessoas afirmarem o contrário; isso demonstra a falta de consciência sobre a própria voz e de conhecimento para adaptá-la ao padrão que desejavam atingir (GUIMARÃES, 2004; TIMMERMANS et al., 2005). Apesar da falta de orientação, a preocupação com a qualidade da voz e como cuidar dela esteve sempre presente entre os locutores de rádio.

A importância dada ao acompanhamento e orientação vocal pelos locutores pesquisados ficou clara através do percentual de 83,4%, constituindo um dado significativo para a Fonoaudiologia e que demonstra a necessidade de uma participação maior dos fonoaudiólogos no ambiente de rádio para atender às dificuldades específicas desse meio (GUIMARÃES, 2004; KYRILLOS, 2004; TIMMERMANS et al., 2005; BORREGO, 2005).

Em um trabalho, também realizado com locutores de rádio, houve grande interesse mostrado durante a pesquisa das vozes pelos locutores. Esse mesmo interesse aconteceu nesta pesquisa, gerando muitas perguntas e dúvidas, o que contribuiu para dar margem a esclarecimentos e orientações aos participantes (NAVARRO e BEHLAU, 2001).

Além disso, os locutores preocupam-se em “falar bem”. Na literatura, “O termo dicção é de origem latina, *dictio*, do verbo *dicere*, sendo definido como maneira de dizer, conjunto de processos que fazem parte da arte de dizer, que inclui: articulação, pronúncia, pontuação, e declamação” (OLIVEIRA, 1995; RAMOS, 1998; VALLE, 2002; KYRILLOS, 2004; BORREGO, 2005).

Os locutores mostraram preocupação não apenas com a voz, mas também com esse aspecto da fala, a dicção, em especial no que diz respeito à articulação e pronúncia corretas; e constantemente buscam práticas para aprimorá-las (OLIVEIRA, 1995; ORTIZ e MAR-

CHAMALO, 1996; RAMOS, 1998; VALLE, 2002; KYRILLOS, 2004; BORREGO, 2005).

Considera-se que a influência do contexto psicofísico e cultural em que o indivíduo se insere afeta sua dicção e que é preciso considerar o domínio da prosódia do idioma falado e a espontaneidade da expressão (COLTON e CASPER, 1996; VALLE, 2002; BORREGO, 2005), sendo que mais da metade dos locutores da presente pesquisa concluiu o terceiro grau e apresenta um bom nível cultural (RAMOS, 1998; KYRILLOS, 2004).

A espontaneidade da expressão é uma característica muito almejada pelos locutores de rádio atualmente (KYRILLOS, 2004; BORREGO, 2005); apesar de não haver contato visual entre o locutor e o ouvinte, um grande público espera pela atuação que ocorre através da fala e que, por ser percebida somente por via auditiva, concentra ainda mais a atenção na voz do locutor e nas possíveis falhas da locução. Isso gera tensão corporal, nervosismo, dificuldades de articulação, disfonias, disfluências e outros problemas que são alvos para o trabalho fonoaudiológico (OLIVEIRA, 1987; OLIVEIRA, 1995; LOPES, 1997; SATALOFF et al., 2002; GUIMARÃES, 2004).

Exigências quanto ao padrão vocal para locutores, nos dias de hoje, são praticamente inexistentes e a preocupação recai sobre a capacidade comunicativa do apresentador de rádio e sua forma de cativar o público. Os padrões atuais de comunicação são formados por qualidades como descontração, improviso e espontaneidade, de acordo com outros trabalhos (SOUZA, 2000; BORREGO, 2005).

Quanto à presença de alterações vocais, o percentual de indivíduos que já apresentaram sintomas vocais ou patologia laríngea foi bastante alto e, como já foi descrito anteriormente, poucos recorreram à fonoterapia como tratamento, quando observado o número total de indivíduos pesquisados (GUIMARÃES, 2004).

Os prejuízos relativos ao desempenho vocal e profissional dos locutores, associados à carga horária excessiva de trabalho que esses profissionais enfrentam, podem resultar no surgimento de patologias vocais mais graves (TIMMERMANS et al., 2004; GUIMARÃES, 2004). É preciso, portanto, que se invista também em um trabalho preventivo para esses profissionais (KYRILLOS, 2004; BORREGO, 2005).

Conforme relatos dos participantes da pesquisa, muitos locutores não conseguiam parar de falar após o período de trabalho no rádio; mais precisamente, a metade dos indivíduos pesquisados tinha esse comportamento. O repouso vocal não é realizado pela maioria (66,7%), caracterizando-se com esses dados novamente o uso excessivo da voz por esses profissionais (TIMMERMANS et al., 2004; GUIMARÃES, 2004).

CIELO, Carla  
Aparecida e  
BAZO, Gisele.  
Perfil vocal de  
locutores de  
rádio. *Salusvita*,  
Bauru, v. 27, n. 2,  
p. 167-181, 2008.

CIELO, Carla  
Aparecida e  
BAZO, Gisele.  
Perfil vocal de  
locutores de  
rádio. *Salusvita*,  
Bauru, v. 27, n. 2,  
p. 167-181, 2008.

A falta de conhecimento sobre técnicas de trabalho vocal, corporal e respiratório dentre outros, teve um percentual bastante elevado (75% dos locutores desconhece qualquer tipo de técnica) e apesar da significância em termos estatísticos ser nula, esse resultado é relevante para os profissionais de Fonoaudiologia poderem avaliar a carência de orientação fonoaudiológica nesse meio (GUIMARÃES, 2004; KYRILLOS, 2004; BORREGO, 2005).

A literatura mostra alguns trabalhos de extensão nacionais e de pesquisa internacionais que evidenciam a efetividade de programas de treinamento com profissionais da voz da área de radialismo (TIMMERMANS et al., 2004; KYRILLOS, 2004; TIMMERMANS et al., 2005; BORREGO, 2005).

Na busca por um modo de emissão correspondente à voz desejada, à imitação de um modelo nem sempre compatível com a constituição do indivíduo, os órgãos vocais, que possuem certa capacidade de adaptação, podem adotar posições inadequadas e provocar distúrbios vocais (DINVILLE, 2001). Entretanto, a imitação de vozes de outras pessoas ou animais e “brincadeiras” vocais não são práticas comuns entre os locutores desta pesquisa.

Além disso, a falta de controle muscular da laringe, da respiração, e a ausência de programas de aquecimento e desaquecimento vocais, antes da locução, também favorecem o desenvolvimento de patologias do mecanismo de produção da voz e da fala (GUIMARÃES, 2004; BORREGO, 2005).

Com relação aos maus hábitos vocais, eles continuam presentes, bem como uma alimentação desregrada e sem restrições para 91,7% dos pesquisados neste trabalho, sem muita atenção quanto aos benefícios ou malefícios que possam provocar para a voz ou a saúde em geral, resultados concordantes com os de Timmermans et al. (2004) e de Timmermans et al. (2005) que concluíram que, após dois anos de treinamento vocal, os hábitos e o estilo de vida de profissionais do rádio não se modificaram.

Porém, um ponto muito positivo é o grande consumo de água, inclusive com significância na análise estatística dos dados, pois faz parte dos hábitos diários da totalidade dos indivíduos entrevistados.

A intensidade de voz excessiva foi o comportamento inadequado mais evidente. O uso da voz com intensidade elevada ocorre com frequência nos estúdios (50% dos casos), apesar das aparelhagens que possibilitam a amplificação da voz. O tipo de programa apresentado e a personalidade do locutor condicionam fatores como intensidade e entonação utilizadas (RAMOS, 1998; KYRILLOS, 2004).

Quando perguntados sobre como construíram a própria voz, a maioria (66,7%) relatou que sua voz era produzida naturalmente e alguns locutores (33,3%) espelharam-se em outros profissionais.

Uma pesquisa feita com uma amostra de 12 locutores de rádio, em São Paulo/SP, revelou que a maioria dos indivíduos entrevistados construiu a sua voz através de modelos de colegas mais experientes (OLIVEIRA, 1995), sendo também o resultado verificado noutros estudos (OLIVEIRA, 1987; BORREGO, 2005).

Porém, entre os locutores desta pesquisa, o resultado foi oposto, poucos locutores basearam-se na *performance* de outros profissionais para construir sua voz no rádio, a maioria buscava trabalhar com sua voz natural, de forma espontânea e sem artificialismo para atrair a atenção do ouvinte, convergindo com os dados encontrados de que 83,3% dos locutores considerava seu desempenho normal, quanto à velocidade da fala.

Os locutores alegaram que, atualmente, não é mais necessário ou cobrado que sigam um modelo e que, atualmente, são valorizados atributos como o poder comunicativo, a simpatia, a extroversão e a animação do locutor para cativar o público. Essas afirmações vêm ao encontro daquilo que é trabalhado em programas de treinamento de radialistas (KYRILLOS, 2004; BORREGO, 2005).

Poucas rádios ainda têm uma forma de apresentação mais tradicional e, geralmente, estas são direcionadas a um público mais velho (KYRILLOS, 2004).

Outro dado importante para a Fonoaudiologia é o fato de todos os participantes da pesquisa terem considerado a orientação e o acompanhamento vocais fundamentais para os profissionais da voz, inclusive cobrando a presença de um profissional de Fonoaudiologia no próprio ambiente de trabalho (GUIMARÃES, 2004; TIMMERMANS et al., 2005; BORREGO, 2005).

Esse dado revela o interesse dos profissionais em saber como lidar com a própria voz de forma adequada, aprofundar seus conhecimentos, seguindo orientações corretas de um profissional habilitado para lidar com todos os aspectos da produção vocal, que é o fonoaudiólogo (DINVILLE, 2001; GUIMARÃES, 2004; KYRILLOS, 2004; TIMMERMANS et al., 2005; BORREGO, 2005).

## CONCLUSÕES

Por meio da realização deste estudo, foi possível observar que:

O perfil do locutor, atualmente, é de um profissional extrovertido, falante em excesso (durante e fora do período de trabalho) e cujas características vocais mais evidentes são a intensidade elevada e tons mais graves, sem compromisso com padrões vocais pré-estabelecidos.

CIELO, Carla Aparecida e BAZO, Gisele. Perfil vocal de locutores de rádio. *Salusvita*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 167-181, 2008.

CIELO, Carla  
Aparecida e  
BAZO, Gisele.  
Perfil vocal de  
locutores de  
rádio. *Salusvita*,  
Bauru, v. 27, n. 2,  
p. 167-181, 2008.

A maioria dos locutores não costuma praticar técnicas vocais para melhorar seu desempenho por falta de acesso à informação e aos profissionais habilitados.

Hábitos inadequados à saúde vocal, como o consumo de café, álcool, fumo, gelados, além da exposição a características ambientais impróprias e comportamentos vocais incorretos continuam presentes entre os locutores de rádio.

Observou-se a necessidade da inserção de fonoaudiólogos diretamente no ambiente de rádio para realizar a prevenção, orientação, avaliação, e tratamento dos problemas relacionados à comunicação na profissão de locutor.

Sintomas vocais, principalmente a rouquidão, e alterações vocais como a disfonia e a afonia, além de quadros de laringite e faringite, são freqüentes e, muitas vezes, tratados de forma inadequada, ocasionando o agravamento ou recidiva do problema, e prejudicando seriamente o desempenho profissional dos locutores, chegando a ocasionar faltas ao trabalho.

A maioria dos locutores deseja algum tipo de mudança vocal, seja ela estética ou funcional.

Esses profissionais tornaram-se locutores, na sua maioria, através de uma oportunidade estágio ou oportunidade de trabalho surgida em uma emissora de rádio e classificam sua voz como “natural”; apenas um número muito reduzido procurou seguir algum modelo para construí-la.

Por unanimidade, os locutores pesquisados consideraram fundamental o acompanhamento vocal, feito por fonoaudiólogos, para todos os profissionais da voz, visando a aprimorar sua produção vocal e a eliminar os comportamentos vocais inadequados.

Analisando-se os resultados obtidos nesta pesquisa, observou-se que muitos locutores de rádio estão mal preparados para lidar com a própria voz e não estão conscientes das conseqüências que os maus tratos à voz podem causar a longo prazo, prejudicando ou impedindo a realização da sua atividade profissional.

Por isso, a intervenção de fonoaudiólogos se faz necessária nesse meio, a fim de esclarecer mitos e questões que ainda se mantêm com relação aos problemas vocais apresentados por esses profissionais, encaminhando-os para as soluções adequadas.

É preciso modificar o perfil que hoje se apresenta para o de profissionais preparados e informados, conscientes das possibilidades de aperfeiçoamento vocal.

## REFERÊNCIAS

- BALSEBRE, A. El lenguaje radiofónico. Madrid: Cátedra, 1994. 254 p.
- BEHLAU, M.S.; PONTES P. Avaliação e tratamento das disfonias. São Paulo: Lovise, 1995. 312p.
- BEHLAU, M.S. O livro do especialista. Rio de Janeiro: Revinter, 2001. 348p.
- BORREGO, M.C. Expressividade no rádio. Cap.09. In: KYRILLOS, L.R. Expressividade - da teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. p.151-162.
- COLTON, R.H.; CASPER, J.K. Compreendendo os problemas de voz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 386p.
- DINVILLE, C. Os Distúrbios da voz e sua reeducação. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001. 302p.
- GUIMARÃES, B.T.L. Lesões por esforço vocal repetitivo - do treinamento através da ginástica vocal laboral à terapia da disfonia laboral. Revista Fonoaudiologia Brasil, Brasília, v.4, n.1, p.1-4, 2004.
- KYRILLOS, L.R. Voz na mídia (televisão e rádio). Cap.13. In: FERREIRA, L.P.; BEFI-LOPES, D.M.; LIMONGI, S.C.O. Tratado de fonoaudiologia. São Paulo: Roca, 2004. p.150-165.
- LOPES, O.F. Tratado de fonoaudiologia. São Paulo: Roca, 1997. 1110p.
- NAVARRO, C.A.; BEHLAU, M.S. Perfil vocal dos locutores: profissionais da voz em publicidade. In: BEHLAU, M.S. A voz do especialista. Rio de Janeiro: Revinter, 2001. p.57-76.
- OLIVEIRA, I.B. A educação vocal na radiodifusão. In: FERREIRA, L.P. Trabalhando a voz. São Paulo: Summus Editorial, 1987. p.28-39.
- OLIVEIRA, I.B. A educação vocal nos meios de comunicação e arte: a voz na radiodifusão. In: FERREIRA, L.P.; OLIVEIRA, I.B.; QUINTEIRO, E.A.; MORATO, E.M. Voz profissional: o profissional da voz. Carapicuíba: Pró-Fono, 1995. p.91-101.
- ORTIZ, M.A.; MARCHAMALO, J. Técnicas de comunicación en radio - la realización radiofónica. Buenos Aires: Paidós Ibérica, 1996. 160p.
- PINHO, S.M. Fundamentos em fonoaudiologia - tratando os distúrbios da voz. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2003. 150p.
- RAMOS, A.L.N.F. Análise da constituição do estilo oral por locu-
- CIELO, Carla Aparecida e BAZO, Gisele. Perfil vocal de locutores de rádio. *Salusvita*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 167-181, 2008.



CIELO, Carla  
Aparecida e  
BAZO, Gisele.  
Perfil vocal de  
locutores de  
rádio. *Salusvita*,  
Bauru, v. 27, n. 2,  
p. 167-181, 2008.

tores radialistas: um estudo fonético-acústico comparativo. In: FERREIRA, L.P. Dissertando sobre voz. Vol.2. Carapicuíba: Pró-Fono, 1998. p.63-98.

SATALOFF, R.T.; GOULD, W.J.; SPIEGEL, J.R. Manual prático de fonocirurgia. Rio de Janeiro: Revinter, 2002. 381p.

SOUZA, L.B.R. Fonoaudiologia fundamental. Rio de Janeiro: Revinter, 2000. 100p.

TIMMERMANS, B.; DE BODT, M.S.; WUYTS, F.L.; VAN DE HEYNING, P.H. Voice quality change in future professional voice users after nine months voice training. *Eur Arch Otolaryngol*, v.261, n.1, p.1-5, 2004.

TIMMERMANS, B.; DE BODT, M.S.; WUYTS, F.L.; VAN DE HEYNING, P.H. Analysis and evaluation of a voice-training program in future professional voice users. *Journal of Voice*, v.19, n.2, p.202-210, 2005.

VALLE, M.G.M. Voz - Diversos enfoques em fonoaudiologia. Rio de Janeiro: Revinter, 2002. 144p.